

“É preciso controlar o uso do cartão no exterior”, diz professor

Professor de Economia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Fábio Guedes Gomes explica por que razão o real se desvaloriza em relação ao dólar e o que deve fazer o turista que depende da moeda norte-americana para viajar. Também aconselha: “No exterior, é melhor pagar sempre à vista”.

Gazeta. Que deve fazer o alagoano que precisa de dólares para viajar ao exterior? Comprá-los com antecedência, independente da cotação, ou esperar a redução da cotação?

Fábio Guedes Gomes. Depende muito do período de espera até o dia da viagem. Se já estiver tudo planejado, com o pacote fechado incluindo passagens, hotéis e roteiros turísticos (no caso de viagem a lazer), só faltando comprar a moeda estrangeira, a dica é se antecipar o máximo possível se estiverem disponíveis os reais para fazer o câmbio. Se não tiver o dinheiro todo, dentro do que planejou para levar para a viagem, ir comprando as quantidades que puder gradativamente.

Agora, se ainda pretende viajar e não fechou o pacote, é importante esperar um pouco mais, se possível adiar o sonho e aguardar as notícias e definições da economia internacional, sobretudo o comportamento das autoridades econômicas dos EUA e suas consequências sobre o mercado de câmbio mundial.

É aconselhável comprar e guardar dólares em casa como forma de evitar a elevação da cotação em rela-

ção ao real?

No momento atual, a valorização do dólar tem sido superior a qualquer aplicação no mercado financeiro. De dezembro até aqui, sua variação já supera os 16% de rentabilidade. Para quem deseja viajar no longo prazo, a compra agora pode ser uma boa forma de economizar, haja visto que uma boa parte dos especialistas, analisando as condições macroeconômicas do Brasil, acreditam que a moeda americana pode alcançar os 2,50 ou 2,60 reais até o ano que vem. E o governo já acenou que essa cotação não será ruim, levando em conta que pode estimular as exportações e a produção local de mercadorias e produtos em substituição aos importados que vão ficar mais caros no futuro.

A melhor alternativa é, no exterior, comprar e pagar à vista (ou com débito) ou parcelar no cartão de crédito?

A melhor alternativa é comprar em dinheiro, à vista. Somente em último caso utilizar o cartão de crédito, em compras com valores superiores ao que se tem em dinheiro e porque o negócio não pode ser adiado, em razão da necessidade de se obter o produto e/ou a ótima oportunidade de sua aquisição.

Mas é preciso controlar o uso do cartão no exterior, porque em momentos de forte variação cambial, comprar utilizando esse meio de pagamento é uma aposta num futuro incerto, pois não se sabe a que preço estará a moeda estrangeira no momen-

to de liquidar a fatura, e quanto vai se pagar de IOF, que tem por base de cálculo justamente o preço do câmbio.

Por que o real fica desvalorizado/valorizado em relação à moeda norte-americana?

A economia brasileira é aberta à entrada e à saída de investidores e aplicadores que possuem riqueza denominada em dólar. Esses agentes, principalmente os que aplicam dólar em ativos financeiros denominados em reais, podem fazer o câmbio inverso, ou seja, trocar reais por dólares rapidamente, se desfavorecendo dos papéis em moeda nacional, e migrarem para outros mercados.

Como os Estados Unidos, através de seu Banco



FÁBIO GUEDES
ECONOMISTA

“No momento atual, a valorização do dólar tem sido superior a qualquer aplicação no mercado financeiro. De dezembro até aqui, sua variação já supera os 16% de rentabilidade”

“A melhor alternativa é comprar em dinheiro, à vista. Somente em último caso utilizar o cartão de crédito”

“Agora, se ainda pretende viajar e não fechou o pacote, é importante esperar um pouco mais”



O economista Fábio Guedes: “Como uma parte substancial do abastecimento do mercado interno é feita por produtos importados, existe a pressão, com o dólar mais caro”

Central, estão começando a rever as políticas de estímulos econômicos, pois a economia deles começa a se recuperar, então os agentes econômicos no mundo todo estão antecipando movimentos e comprando dólares na expectativa de ganharem com sua tendência de valorização e, também, para aplicar no mercado financeiro estadunidense, sobretudo títulos do governo, na perspectiva de que os juros por lá subam e esses agentes tenham ganhos reais em moeda conversível mundialmente.

Isso acaba pressionando o dólar no Brasil, pois temos muitos aplicadores naquela situação e outros agentes que estão se antecipando, comprando mais dólares, se precau-

endo contra os aumentos futuros. Portanto, a maior demanda está influenciando o preço da moeda americana e é por isso que o Banco Central brasileiro está fazendo leilões de venda (oferta) para conter sua valorização.

Que impacto a elevação da cotação tem na economia brasileira e na vida do cidadão comum?

Primeiro, como uma parte substancial do abastecimento do mercado interno é feita por produtos importados, existe a pressão, com o dólar mais caro, para que os preços de diversos produtos subam, causando impactos inflacionários. São os casos da farinha de trigo, gasolina e querosene para aeronaves. Também te-

mos equipamentos eletrônicos e bens de capital para várias indústrias.

Na tentativa de conter a fuga de dólares, além dos leilões dessa moeda, o Banco Central, como também uma maneira de controlar a inflação, poderá intensificar o movimento de elevação da taxa de juros Selic. Isso, certamente, aumentará os custos financeiros de quem já possui dívidas, diminuirá o ritmo de crescimento econômico e pode influenciar na taxa de geração de emprego em diversos setores.

Portanto, é momento do cidadão comum evitar despesas desnecessárias, não aumentar seu grau de exposição a dívidas e economizar ainda mais. **MM**